

TUDO ESTÁ BEM NAS MÃOS DO AUTOR DAS COISAS: UMA LEITURA DO PRIMEIRO LIVRO – EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO

José Carlos Santos¹

José Daniel Vieira²

Silvânia Santana Costa³

Educação



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Este estudo Bibliográfico apresenta o pensamento de Rousseau, no que concerne a educação como proposta de formação do homem, defendendo que essa educação se dá de três formas, assegurando que a mais eficiente é aquela dada por uma boa mãe. Justifica no seu pensamento a necessidade do sacrifício materno como prerrogativa para uma educação eficiente baseada no amor. Elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica por membros do grupo de pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT). Não tem a pretensão de aprofundar um estudo filosófico acerca da educação, mas aproximar-se de um ensaio sobre análise da obra, considerando a ações e o pensamento daquele autor.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Rousseau. Formação. Homem Cidadão.

ABSTRACT

This study Library presents the thought of Rousseau, regarding education as a proposal for the formation of man, arguing that this education takes place in three ways, ensuring that the most efficient is the one given by a good mother. Justified in their thinking the necessity of maternal sacrifice as a prerogative for efficient education based on love. Developed through a literature search by members of the State research group Capital and Urban Development (UNIT). It does not claim to deepen a philosophical study about education, but to approach an essay on the work analysis, considering the actions and thinking of that author.

KEYWORDS

Education. Rousseau. Formation. Citizen.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca fazer uma leitura da educação sob o pensamento de Rousseau a partir do primeiro livro da coletânea *Emilio* ou da Educação. Revisando as leituras verificamos que o autor afirma que sua obra é uma coletânea de reflexões desordenada produzida para agradar a uma boa mãe que sabe pensar. O texto em questão apresenta o pensamento de Rousseau sobre a educação enquanto questiona algumas das suas ações destoantes.

2 A DISSEMINAÇÃO DA IDEIA

Sendo esta obra escrita por acaso e sem a intenção de publicação como nos conta o autor que, a princípio, não projetara uma grande discussão sobre o tema, senão uma memória de algumas páginas; sendo arrastado pelo assunto, sem que ele quisesse, essa memória tornou-se insensivelmente uma espécie de obra grande demais, sem dúvida, pelo que contém, mas pequena, pela matéria de que trata.

Pensamos que será um bom texto, num entanto, hesitamos em continuar como hesita o autor em publicar sua obra, mas em tempo recordamos da atitude de Rousseau ao entregar seus escritos ao público **sem se preocupar com a severidade do julgamento comum** (grifo nosso), das pessoas comuns. O próprio Rousseau, por bom senso, demonstra certa dúvida nas suas ideias quando afirma que mesmo sendo essas erradas, se despertar boas ideias em outros, não terá perdido inteiramente o seu tempo.

É consenso a importância de uma boa educação para humanidade, no entanto, o próprio Rousseau não vigiou, em seu escrito, a consecução em provar que a educação que se pratica é má, pois, se antes dele mil já o fizeram e se depois dele não houve

mudanças é porque somos mesmo desconhecedores do caminho certo para o sucesso na educação. Ainda assim, não nos cabe julgar, basta observar suas ideias presentes no texto em questão e de acordo com estas ideias, o fato é sabido por todos.

Observaremos tão-somente que num lampejo histórico, de tempos em tempos muitos se opõem ao estabelecido, sem que ninguém pense em propor coisa melhor, se o termo pudesse ser aplicado à complexidade da educação, considerando que, “a literatura e o saber de nosso século tendem bem mais a destruir que a edificar”. Esta frase soa atual, mas foi dita por Rousseau, fazendo alusão ao seu tempo.

Rousseau (2004), afirma: não se conhece a infância, pois temos dela falsas ideias que nos extravia do caminho de conhecê-las, pois aos mais sábios importa apegar-se ao que sabem os homens, sem considerar se estão em condição de aprender. Mas nem pensam no que este efetivamente é antes de ser homem.

Embora admitisse a possibilidade de ser um pensamento fantasioso Rousseau dedicou-se ao projeto de compreender as crianças com a intenção de contribuir para a educação delas. Assim,

[...] posso ser muito mal visto o que cabe fazer; mas creio ter visto bem o paciente que se deve operar. Começai, portanto estudando melhor vossos alunos, pois muito certamente não os conheceis e se lerdes este livro tendo em vista esse estudo, acredito não ser ele sem utilidade para vós. (ROUSSEAU, 2004, p. 4).

Notaríamos, conhecer empiricamente o objeto da sua ação lhes permite executar com mais eficiência sua pauta inerente ao objeto. A frase deixa clara a intenção do autor em recomendar sua obra como sendo bíblia para o professor. Para o autor a parte sistemática nada mais é do que a natureza. Considerava-se um visionário da educação e não acreditava que lhes fosse dado à devida atenção. Seus escritos não são sobre as ideias de outros, mas sobre as suas próprias ideias deixando bem claro que outros não poderiam contribuir para suas, naquele momento.

Embora não afirme ser mais sábio que todos do seu tempo, demonstra uma determinação inflexível nas suas convicções. Afirma-se solitário, mas firme e determinado na sua preferência, no que tange à educação das crianças. Neste sentido, demonstra certa soberba ao apresentar suas ideias como definitivas ao pleito da educação. Expondo:

[...] com liberdade meu sentimento, tenho tão pouco em vista ser ele irresponsável que junto sempre minhas razões, a fim de que as pesem e me julguem: mas, embora não queira obstinar-me em defender minhas idéias, não me creio por isso menos

obrigado a propô-las, porquanto as máximas acerca das quais sou de opinião contrária à dos outros não são indiferentes. São máximas cuja verdade ou falsidade importa conhecer e que fazem a felicidade ou a infelicidade do gênero humano. (ROUSSEAU, 2004, p. 5).

Nesta defesa de ideias o autor critica o projeto de educação existente elegendo-o como um projeto partidário que não defende o propósito de educação à luz do seu pensamento, como uma educação favorável às crianças, mas sim, como bem estar dos homens. Para Rousseau, em qualquer espécie de projeto duas coisas devem ser consideradas: Em primeiro, a qualidade absoluta do projeto, em segundo, a facilidade de execução.

Com relação à primeira, basta para que o projeto seja admissível e praticável em si, que, o que tenha de bom esteja na natureza da coisa; aqui, por exemplo, que a educação proposta seja conveniente ao homem e bem adaptada a ele. A segunda consideração depende de relações dadas em determinadas situações. Relações acidentais da coisa, que, por conseguinte, não são necessárias e podem variar ao infinito.

Assim, a educação não será igual para todos os países e culturas e até mesmo quando se pensa em Estado devemos admitir diferenças no projeto, por isso é que uma política de educação pode ser praticável na Suíça e não o ser em França; outra pode sê-lo entre os burgueses e outra ainda entre os nobres. O que vai interferir nesse projeto é a proposta cultural da sociedade a qual se instala. A facilidade maior ou menor da execução depende de circunstâncias impossíveis a se determinarem, a não ser, por meio de uma aplicação particular do método praticado por tal ou a qual país, se ajuste ao projeto tal condição social.

Rousseau argumenta que as particularidades de cada país ou região não cabem na sua proposta, justificando que, esta tarefa, deixará para outros que partindo do seu projeto possa adaptá-lo ao seu país ou ao seu Estado. "Basta-me que, onde quer que nasçam homens, se possa fazer deles o que proponho; e que, tendo feito deles o que proponho, se tenha feito o que há de melhor, tanto para eles como para os outros". Essa é a proposta de Rousseau que deixa a comprovação da sua teoria para que seja testada na prática, pois se assim for feito e não funcionar estará comprovado seu erro. Contudo, as variáveis mutariam conforme aplicação, método e País, a que se sujeite a sua aplicação.

3 TUDO É CERTO, TUDO ESTA BEM NAS MÃOS DO AUTOR DAS COISAS?

A análise cética de Rousseau, no que tange ao comportamento humano suscita questionamentos quanto a definição do certo, como conceito valorativo. Sua concepção de perfeição da natureza impõe um sentido prejuízo às ações humanas. Para contornar essa degeneração natural propõe a educação como princípio de moralidade, humanização, inteligência e sabedoria.

TUDO É CERTO em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem. Ele obriga uma terra a nutrir as produções de outra, uma árvore a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas, as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; transtorna tudo, desfigura tudo; ama a desformidade, os monstros; não quer nada como o fez a naturezas nem mesmo o homem; tem de ensiná-lo para si, como um cava1o de picadeiro; tem que moldá-lo a seu jeito como uma. árvore de seu jardim. (ROUSSEAU, 2004, p. 7).

Assim, recomenda que o homem seja educado em conformidade com a natureza das coisas, pois se já tem tendências à maldade, se não for transformado pela educação e abandonado dos costumes e preceitos da sociedade será um homem sem moral desfigurado na sua essência. Sem isso, tudo iria de mal a pior e nossa espécie não deve ser formada pela metade.

Pode-se notar uma grande preocupação com estado em que já se encontram as coisas, um homem abandonado a si mesmo, desde o nascimento, entre os demais, seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que nos achamos submersos abafariam nele a natureza e nada poriam no lugar dela. Ela seria como um arbusto que o acaso fez nascer no meio do caminho e que os passantes logo farão morrer, nele batendo de todos os lados e dobrando-o em todos os sentidos.

Rousseau invoca a matriarca como sendo uma aliada no seu projeto de educação. Segundo ele, a educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres, pois se o autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, teria lhes dado leite para alimentarem as crianças e transformado seu corpo para abrigá-las em feto.

Desta feita se dirige, portanto às mulheres, em primeiro lugar, pois além de terem a possibilidade para atentar às questões, mais de perto que os homens, podendo influenciar mais na educação, têm a sensibilidade para fazê-lo. Muito lhe interessa o êxito, porquanto em sua maioria as viúvas se acham quase à mercê de seus filhos e que então precisam sentir, em bem ou mal, o resultado da maneira como os educou. Para o autor, as leis estão muito mais preocupadas com os objetos e nunca com as pessoas e por esse motivo retiram a autoridade das mulheres mães.

As mulheres vivem em condições inferiores aos homens, seus deveres são mais árduos, mas seus cuidados têm mais importância para a boa ordem da família e naturalmente elas se apegam mais às crianças. Há ocasiões em que um filho que falta o respeito a seu pai pode até certo ponto ser desculpado; mas se, em qualquer oportunidade que seja um filho se revelasse bastante desumano para faltá-lo com a sua

mãe, “quem o carregou no seu seio, quem o alimentou com seu leite, quem, durante anos, se esqueceu de si mesma para, só se ocupar dele, dever-se-ia sufocar esse miserável como um monstro indigno, de ver o dia” (ROUSSEAU, 2004, p.10).

Quando alguém diz que as mães estragam os filhos estão comentando um grande erro. A mãe quer que seu filho seja feliz, que o seja desde logo. Se nisso houver algum engano será por falta de algum esclarecimento e a ação mais sensata será esclarecê-la. “Cultiva, rega a jovem, planta antes que morra: seus frutos dar-te-ão um dia alegrias. Estabelece, desde cedo um cinto de muralhas ao redor da alma de tua criança. Outro pode assinalar o circuito, mas só tu podes erguer o muro” (ROUSSEAU, 2004, p.10).

Nascemos desprovidos de tudo, fracos, precisamos de força e temos necessidade de assistência. “nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo” (ROUSSEAU, 2004, p.10). Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos quando adultos, nos é dado pela educação.

Se o homem nascesse grande e forte, seu porte e sua força seriam inúteis até que ele tivesse aprendido a usá-la. Do contrário, seriam prejudiciais, impedindo os outros de pensar em ajudá-lo e assim ele seria abandonado à própria sorte, morreria na miséria antes de conhecer suas próprias necessidades. Rousseau chama a atenção para a existência do homem alegando que a raça humana teria desaparecido se o homem não começasse sendo criança. Aqui indagamos a importância da educação na infância e ao mesmo tempo indagamos a falta de atenção com as crianças e sua importância na formação do homem cidadão.

Para Rousseau existem três tipos de educação: essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas, o desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer, desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas.

Neste contexto, as três se complementam para formar o homem cada um de nós é, portanto formado por três espécies de mestres,

O aluno em quem as diversas lições desses mestres se contrariam é mal educado e nunca estará de acordo consigo mesmo; aquele em quem, todos visam os mesmos pontos e tendem para os mesmos fins, vai sozinho a seu objetivo e vive em consequência. Somente esse é bem educado. (ROUSSEAU, 2004, p.11).

Mas a natureza cumpre seu papel na educação independente da nossa vontade, entretanto, a educação das coisas pode sofrer interferência do homem em alguns

pontos. Resta a educação dos homens como a única de que somos realmente senhores e ainda assim só o somos por suposição, pois quem pode esperar dirigir inteiramente as palavras e as ações de todos os que cercam uma criança?

O autor afirma que sendo, portanto a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance êxito total, porquanto a ação necessária a esse êxito não depende de ninguém. Tudo o que se pode fazer, à força de cuidados; é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingi-la. Neste ponto, o projeto do autor cai em contradição, pois se a educação depende praticamente de sorte não haverá segurança em nenhum modelo de projeto de educação, então qualquer projeto pode atenuar a formação do homem.

Mas, o autor nos fala de meta. Que meta será essa? A própria inata da natureza; segundo o autor isso acaba de ser provado, mas de que maneira? Diria que a ação das três educações é necessária à sua perfeição, afirma que é para aquela sobre a qual nada podemos que cumpre orientar as duas outras. Então, pode entender que devemos suprimir a educação da natureza? O próprio autor reconhece que a palavra natureza talvez tenha um sentido demasiado vago e sugere que é preciso tentar defini-lo com exatidão.

Rousseau (2004) nos conta que a natureza nada mais é do que apenas hábito. E de onde vem o hábito? Os nossos hábitos não são frutos das nossas experiências e por conseguintes não são aprendidas e ensinadas. Que significa isso? Não há hábitos que só se adquirem pela força e não sufocam nunca a natureza?

O autor tenta esclarecer, apresentando um exemplo incomum que não satisfaz ao gênero humano. É o caso, do hábito das plantas cuja direção vertical se perturba. Em se lhe devolvendo a liberdade, a planta conserva a inclinação que a obrigaram a tomar; mas a seiva não muda, com isso, sua direção primitiva; e se a planta continuar a vegetar, seu prolongamento voltará a ser vertical.

Como então comparar este exemplo ao um ser humano? Rousseau afirma que o mesmo acontece com as inclinações dos homens. Enquanto permanecemos no mesmo estado, podemos conservar as que resultam do hábito e que nos são menos naturais. Mas, desde que a situação mude, o hábito cessa e o natural se reestabelece. Então, se a educação é um hábito como garantir que a humanidade não retorne ao estado de natureza e de brutalidade. Não haverá pessoas que esquecem e perdem sua educação, e como outras a conservam? De onde vem a diferença? Devemos restringir o nome de natureza aos hábitos conforme a natureza? Neste contexto são perguntas que devem ser feitas.

O autor nos conta que nascemos sensíveis e desde nosso nascimento somos molestados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. A isso podemos entender como a educação das coisas. Mal tomamos consciência de nossas sensações e já nos dispomos a procurar os objetos que as produzem para aceitá-los ou para fugir

deles. Ficamos com elas se nos são agradáveis e fugimos delas se nos são agressivas ou desagradáveis. Depois, segundo a conveniência ou a inconveniência que encontramos entre esses objetos e nós, e, finalmente, segundo os juízos que fazemos deles em relação à ideia de felicidade ou de perfeição que a razão nos fornece, os aceitamos.

Essas disposições se estendem e se afirmam na medida em que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos; mas constrangidos por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos sob a influência de nossas opiniões.

É, pois a essas disposições primitivas que tudo se deveria reportar; e isso seria possível se nossas três educações fôssem diferentes: mas que fazer quando são opostas? Quando, ao invés de educar um homem para si mesmo, se quer educá-lo para os outros? Então o acerto se faz impossível. Forçada a combater a natureza ou as instituições, cumpre optar entre fazer um homem ou um cidadão, porquanto não se pode fazer um e outro ao mesmo tempo. (ROUSSEAU, 2004, p. 8).

Rousseau apresenta seu conceito de “homem natural” afirmando que ele não tem relação, senão consigo mesmo, ou com seu semelhante. Já o homem civil não passa de uma unidade fracionária presa ao denominador e cujo valor está relacionado com o todo, que é o corpo social. Nesta abordagem tenta exemplificar a importância da unidade social e do homem educado.

Para ele, o homem natural não é educado e não serve à sociedade em que vive. As boas instituições sociais são as que mais bem sabem desnaturar o homem, tirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe outra relativa e colocar o *eu* na unidade comum, de modo que cada particular não se acredite mais ser um, que se sinta uma parte da unidade, e não seja mais sensível senão no todo.

Argumenta que um cidadão de Roma não era nem Caio, nem Lúcius; era um romano. Aborda exemplos de bravuras e heroísmos de pessoas que se deram e se sacrificam pelo bem do estado.

Pessoas que abandonaram totalmente sua individualidade colocando o bem geral acima do seu. Rousseau (2004, p.13), argumenta que

Placedemônio Pedarete apresenta-se para ser admitido ao conselho dos trezentos; é recusado; volta satisfeito por ter encontrado em Esparta trezentos homens mais dignos do que ele. Suponho que essa demonstração era sincera; é de se acreditar que era. Eis o cidadão.

Para ilustrar, Rousseau apela para a família, contando que uma mulher de Esparta tinha cinco filhos no exército e aguardava notícias da batalha. Chega um mensageiro e ela solicita informações: “Vossos cinco filhos morreram. Diz o mensageiro, a mulher indignada retruca: Vil escravo, perguntei-te isso? – Alcançamos a vitória!” A mãe corre ao templo, e rende graças aos deuses. Eis a cidadã. Efetivamente não podemos e nem devemos fazer aproximações de época e menos ainda de cultura. Entretanto, como diz no início do seu texto o que se aplica a um estado ou um país pode não servir para outro. E, fatalmente estas demontrações de servidão não cabem mais nestes tempos e certamete não cabe nas culturas contemporâneas.

A demonstração de homem educado conforme a ótica Rouseauniana ao citar a cultura espartana esta galdada na estrutura de um Estado comum onde o sacrifício de todos deve ser visto como honraria e servidão absoluta. Somente assim se reconhece um cidadão.

Aquele que, na ordem civil, deseja conservar a primazia da natureza, não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, hesitando entre suas inclinações e seus deveres, nunca será nem homem nem cidadão; não será bom nem para si nem para outrem, Será um dos homens de nossos dias, um francês, um inglês, um burguês; não será nada. (ROUSSEAU, 2004, p. 13).

Nesta perspectiva podemos ver um típico soldado sempre pronto para servir.

Para demonstrar ser alguma coisa, para ser alguém, é preciso tomar partido ser um homem de palavra dar a vida pela honra tomar uma decisão e segui-la com altivez e segui-la sempre. Não devemos ser indecisos, ficar sobre o muro. Rousseau duvida da possibilidade de haver alguém com esta estratégia que possa viver bem “Estou à espera de que me mostrem esse prodígio, a fim de saber se é homem ou cidadão, ou como se arranja para ser a um tempo um e outro” (ROUSSEAU, 2004, p. 13)

Rousseau recomenda o conhecimento de uma obra que trata de questões estruturais de uma sociedade como forma de entender a educação.

Quereis ter uma idéia da educação pública, lêde a República de Platão Não se trata de uma obra de política, como pensam os que julgam os livros pelos títulos: é o mais belo tratado de educação que jamais se escreveu. Quando se quer enviar alguém ao país das quimeras, cita-se a instituição de Platão. (ROUSSEAU, 2004, p. 14).

Para Rousseau (2004), a instituição pública não existe mais, e não pode mais existir, porque não é mais pátria, não pode haver cidadãos. Segundo ele, estas duas palavras pátria e cidadão devem ser riscadas das línguas modernas. Entretanto, deixa o assunto inacabado, embora afirme que sabe alegar não ter relação com seu assunto.

Rousseau (2004) diz que as escolas não são encaradas por ele como instituições públicas são estabelecimentos ridículos a que chamam colégios.

Não levo em conta tampouco a educação da sociedade, porque essa educação, tende para dois fins contrários, em ambos os alvos: ela só serve para fazer homens de duas caras, parecendo sempre tudo subordinar aos outros e não subordinando a nada senão a si mesmos. (ROUSSEAU, 2014, p. 14).

Então, as palavras de Rousseau comprovam que dessas contradições nascem as escolas que experimentamos sem cessar em nós mesmos.

O autor se mostra pessimista e desacreditado da sua própria luta, talvez levado pela emoção demonstre uma certa descrença no que virá. Assim, combatidos e hesitantes durante toda a nossa vida, nós a terminamos sem ter podido acordar-nos conosco, e sem termos sido bons para nós nem para os outros.

Por fim, agrarra-se as possibilidades da educação doméstica ou a da natureza. Mas que será aos olhos dos outros? Um homem unicamente educado para si mesmo. Se o duplo objetivo que se propõe pudesse porventura reunir-se num só, eliminando contradições do homem, poderia se eliminar grandes obstáculos para sua felicidade. Para desenvolver um julgamento fôra preciso vê-lo inteiramente formado; fôra preciso ter observado suas tendências, visto seus progressos, acompanhado sua evolução; fora preciso, em poucas palavras, conhecer o homem natural, o Emílio. Neste final, o autor nutre alguma esperança de ver seu projeto reconhecido.

4 CONCLUSÃO

Nas considerações finais pretendemos retomar um pequeno trecho do texto onde Rouseau afirma que instituição pública não existe mais, e não pode mais existir, porque não é mais pátria, não pode haver cidadãos. Neste contexto critica duramente as instituições escolares, negando sua utilidade, como deixa bem claro ao afirmar que nos resta a educação doméstica e a educação das coisas.

Segundo ele, estas duas palavras pátria e cidadão devem ser riscadas das línguas modernas. Entretanto, deixa o assunto inacabado embora afirme que conhecê-lo bem, alega não ter relação com seu assunto. Observando bem o

texto veremos uma defesa firme do autor no que se refere a tomar partido, apresentado seu texto como um pré-requisito para se formar bem um cidadão.

Nesse ponto, podemos trazer a tona uma máxima contemporânea que diz: “faça o que eu mando e não o que eu faço”, pois enquanto ataca a instituição educacional, o autor tem o cuidado de chamar uma nota de rodapé se desculpando com algumas instituições (academia de Genebra e Universidade de Paris), alegando existir nestas instituições professores, seus amigos de quem gosta muito e que por isso não deveria magoá-los.

Outra questão que devemos levantar diz respeito à própria convicção do autor a sua proposta. Embora estabeleça três tipos de educação e apresente a educação dos homens como solução para corrigir problemas causados pela natureza e pelas coisas, finaliza seu texto negando tudo e afirmando ficar apenas com as duas últimas que segundo o próprio, a da natureza, em nada depende do homem e a das coisas depende muito pouco.

Se a educação doméstica era a única esperança para salvar o homem, parece sensato pensar que Rousseau quis seguir o exemplo daquela mãe que manda seus filhos para guerra mais só lhe interessa a vitória, quando manda seus próprios filhos para um orfanato. Esta é uma ação que merece reverência, então tiremos o chapéu para o autor.

Rousseau afirma que na ordem social os lugares estão marcados e cada indivíduo deve ser educado para ocupar o seu, mas se este indivíduo sai do seu lugar marcado deve ser condenado a não ser nada. Será educado um homem que não pensa, não evolui, não cresce, não muda? O autor faz uma representação do Egito onde o filho tinha a obrigação de seguir a profissão do pai e para ele isto era certo, então nos remete ao pensamento ao ler esta defesa, de indagar o que a humanidade estaria fazendo hoje? Quantas profissões existiriam? Por fim novamente retomaremos o texto do autor para responder as indagações feitas baseadas no desejo de formação do personagem Emílio.

Rousseau define num parágrafo o que é dito em sua obra que o homem deve ser preparado para ser homem para qualquer profissão que queira seguir poderá estar pronto e assim seguirá sem temores, pois a sua educação o preparou para tanto.

Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem; e quem quer que seja bem educado para esse, não pode desempenhar-se mal dos que com esse se relacionam. Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica. ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana.

Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar. (ROUSSEAU 2004, p. 15).

Terminamos este texto não menos angustiado do que quando começamos, procuramos fazer os recortes que julgamos necessário indagamos o autor quando julgamos que o mesmo nos solicita um questionamento. No mais, nossa pouca leitura, acerca da obra e do autor nos permite ainda grandes aprofundamentos acerca de uma obra tão rica e tão complexa, pois se assim não o fosse não teria o lugar de destaque que ocupa nas academias. Temos a certeza que em nenhum momento nos desprendemos do texto e do que nos propusemos a fazer neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ROUSSEAU, Jean J. **Discurso sobre a origem e a desigualdade entre os homens**. (1775). Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio, ou da educação**. Tradução de Roberto Leal. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Data do recebimento: 30 de abril de 2015

Data da avaliação: 16 de julho de 2015

Data de aceite: 11 de agosto de 2015

1. Doutorando em Educação – PUC/RS/UNIT/SE; Mestre em Educação – UFS/SE; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT; Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professor (GPGFOP/CAPES/CNPQ/UNIT) e Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e Direito. E-mail: carlosako@gmail.com.br

2. Graduado em Geografia pela Universidade Tiradentes – UNIT (2014); Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT. E-mail: danielvieirasst@hotmail.com

3. Doutoranda em Educação pela PUC/RS/UNIT/SE; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT); Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e Direito. E-mail: silandsan@gmail.com